

textos / 75

Morte súbita, de Ricardo Cabaça

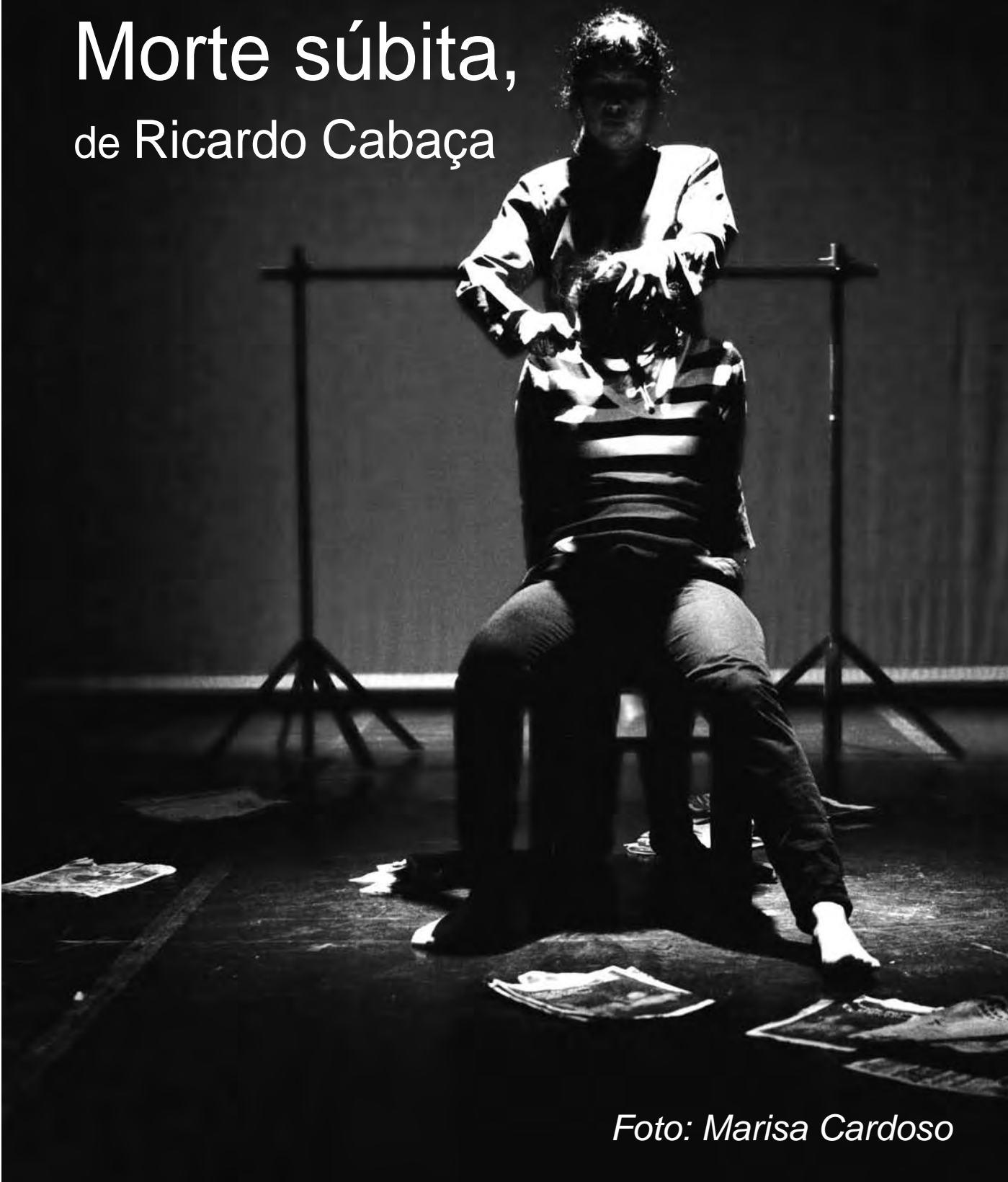


Foto: Marisa Cardoso

Morte súbita nasce de longas conversas com Daniela Rosado, atriz e produtora, onde abordámos e discutimos as ditaduras, em particular a brasileira e a portuguesa. Primeiro escrevi *Gota d'água*, um texto que foi encenado para o Festival de Curtas dos Primeiros Sintomas em 2012. Queríamos mais, o tema estava longe de se esgotar. Sempre com o pensamento numa obra mais profunda, escrevo *Morte súbita*, uma reflexão sobre as ditaduras e as democracias atuais, um texto que mistura os tempos, os espaços geográficos, no fundo, é uma obra que tem como propósito estimular o espectador a refletir sobre que tempo e espaço está a vivenciar, ou em última análise, demonstrar que um rótulo é ineficaz, pois a ditadura pode acontecer em qualquer país a qualquer instante. O texto não pretende tomar partido, diabolizar os torturadores ou endeusar quem resistiu, acima de tudo, a partir do desdobramento dos atores a interpretar diversas personagens, o espectador deparar-se-á com alguém que é um resistente e logo a seguir transforma-se num torturador exímio, esbatendo de imediato a ideia estanque de que um ator é apenas uma personagem. Este desconforto tem como propósito problematizar uma questão muito pertinente: que certeza nos garante que um resistente não poderá ser um dia um opressor? Ou vice-versa? Ao retirar a narrativa linear e dados históricos concretos do texto (existem pontualmente), o foco está nos quadros e não na história, perde-se a possibilidade de seguir uma trama com princípio, meio e fim, para se concentrar a força apenas no que estamos a ver. Finalmente, existe um elemento que é central no texto: a não conclusão da ação, isto é, prefiro deixar em aberto o texto do que fechá-lo, ao suspender a ação, fica a possibilidade do próprio leitor/espectador construir a sua narrativa, refletindo sobre as diversas hipóteses de conclusão. No fundo, o texto caminha para um futuro que ainda não tem tempo, ou que, por outro lado, é um presente que achamos demasiado longínquo.

Morte súbita é um projeto da 33 Ânímos que estreou no Teatro A Barraca, Lisboa, a 29 de novembro de 2013

Ficha técnica:

Com Ana Vilela da Costa, Daniela Rosado, Fernando Serpa e Ulisses Ceia

Texto e encenação Ricardo Cabaça

Assistência de encenação Rafael Moraes

Desenho de luz Alexandre Costa

Cenário Bruno Menezes

Figurinos Rita Carpinha

Design Paulo Oliveira

Vídeo António Limpo

Pesquisa história Luís Carvalho

Fotografia de cena Marisa Cardoso

Produção Daniela Rosado

Na imagem: Daniela Rosado e Ana Vilela da Costa.

MORTE SÚBITA

Uma grande tela ocupa toda a largura do palco. É projetado um vídeo sobre ditadura e sobre os políticos modernos. O vídeo acaba e por detrás da tela acende-se uma luz azul. Os atores entram em cena e fazem uma coreografia. O som é de metal a torcer, ranger, partir-se.

A sala está na penumbra total. Uma mulher entra em palco e acende um fósforo. Alguns sons vão-se ouvindo em palco, o que sobressalta a mulher. Palavras ficam entrecortadas numa gravação que acompanhará toda esta cena inicial. Arrisca-se a falar.

MULHER COMUNISTA: Tenho de queimar tudo, não restará um só papel. Queima, queima, eles devem estar a chegar, ai, queima! Eles não vão ler nada, o partido confiou em mim, sou eu que tenho os fósforos.

O fósforo apaga-se e tudo fica na escuridão. Sente-se o tumulto em palco e pelo meio os gritos são intensos. Ouvem-se insultos, gritos, apelos. Entre os gritos ouvimos os sotaques portugueses e brasileiro.

Duas cadeiras, uma mesa de apoio com alguns objectos. Um homem e uma mulher olham-na em silêncio, entre a curiosidade e a impassividade. Entra o instrutor o que leva os outros a afastarem-se imediatamente da pessoa encapuzada e adoptarem uma postura dura e militar.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: O que estão a fazer?

2 (MULHER): Estamos à espera.

3 (HOMEM): Estamos a olhar para ela.

2: Estamos à espera.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Estão à espera do quê?

3: Do medo dela.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: No nosso sistema eles já nascem com medo. Aquilo que vos vou ensinar não é para amadores, há aqui muita ciência e até beleza e poesia. Não se trata simplesmente de interrogar sem pensar no que se está a fazer, é preciso compreender a psicologia humana, percebem? O vosso país chamou-me para vos ensinar, não a bater, que isso qualquer um pode fazer. Eu vou ensinar como se deve torturar de forma científica e ao mesmo tempo, aproveitar para deixar um legado aos vossos filhos, esperando que este regime dure muitos e bons anos. Isso dependerá do vosso empenho, não se esqueçam disso. Devem estar a perguntar o porquê da necessidade da ciência para torturar alguém como essa aí: pois bem, torturar com ciência prolonga a dor e a taxa de sucesso é superior. Depois posso apresentar as estatísticas para terem uma ideia aproximada daquilo que conseguimos quando espancamos com método. Mas isso pode ficar para um curso mais avançado. Observem com atenção. Há várias formas de bater: uma serve para derrubar logo a pessoa, outra para matar e outra para fazê-la falar. Vou-vos ensinar a melhor que é fazê-la falar. Estão a perceber? Ótimo. Podem usar um cassetete, uma lista telefónica, um cavalo-marinho, uma barra de ferro, uma tábua. Acima de tudo, a pancada deve ser científica. *(Bate com a lista telefónica no ombro do inspector. A prisioneira assusta-se.)* Esta é uma forma de a vergar e acreditem que a criminosa sente logo o que vai ser a dor e o inferno. Depois podem bater na barriga e logo a

seguir nas costas. É bom quando se ajoelham. Este é o princípio, depois, conforme a resistência, podem passar para outros instrumentos. Esta barra de ferro, por exemplo, pode servir para partir um pé ou até para esmagar a cabeça.

Quando o instrutor vai para dar uma nova pancada no inspector com a barra de ferro é interrompido pelo próprio inspector.

3: Desculpe interromper, mas posso experimentar?

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Não se esqueça de dar o impulso correcto para que o golpe seja bem aplicado. É importante para a dor ser maior, o nosso objectivo é sempre destruir o terrorista.

2: A seguir posso ser eu?

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Um de cada vez, um de cada vez.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Não está mal. Gosto da paixão e da perícia, nem sempre encontro isso nos meus alunos. É importante que não se deixem dominar pelo ódio, tira-vos inteligência e começam a bater desenfreadamente. Hoje é difícil ter tempo para aprender como deve ser, fica-se muito tempo na internet a perceber o que eles vão organizar, fazemo-nos passar por eles, destruimos por eles. Isso rouba tempo, sem dúvida. Eu sou pelo didatismo. Os tempos são outros, hoje somos legitimados pelo poder económico, pelas eleições, perdemos o rosto do líder, mas ganhámos a possibilidade de nos perpetuarmos pelos séculos. É a ideologia do capitalismo, fazemos as pessoas pensarem que somos a democracia e afinal de contas, somos a ditadura mais avançada de sempre. Agora não precisamos de ser secretos, eles colocam tudo na internet. Vocês fazem a pesquisa dos perfis virtuais?

Os inspectores olham-se espantados e não sabem o que responder.

2: Bom, ah...

3: Quer dizer, não é aquilo que fazemos habitualmente, sabe, o trabalho e tudo isso, rouba-nos muito tempo.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Pois, percebo. Pensem em música quando baterem. Sintam a pulsação, o ritmo, o braço que vai e volta, o corpo que se contorce, os vossos gritos com os gritos dela, sintam como isso pode ser música. Não batam sem música. O meu país vigia tudo, aliás, vigiamos todos os continentes, o vosso país há muito que é vigiado. Não é nada pessoal, percebem, é apenas uma maneira de nos salvaguardarmos. Precisamos de manter todos os culpados, os suspeitos, os amigos dos suspeitos e até aqueles que são completamente inofensivos afastados do nosso país. É a prevenção que salva e torna o nosso país a maior potência do mundo. Claro que somos todos amigos e todos ganham com isso. Alugamos a vossa terra para uma base militar. Vocês ganham dinheiro e proteção. Enfim, agora quero ver se também aprendeste a bater como o teu colega.

2: E escolho o quê? O que aconselha?

Os dois ficam a falar baixo, pesam os objectos, medem-nos. O instrutor faz alguns movimentos.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Dá com a tábua na sola dos pés, mas não exageres que isso dá-lhe um andar novo!

2 : Gosto disso.

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Basta, já viram como se faz.

2: E agora, bato com o quê?

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Use a cabeça. Levem-na

3: Já?

INSTRUTOR ESTRANGEIRO: Peguem nela daqui a um mês, vai ser uma mulher nova. Agora deixem-na isolada para ela ficar mais desnordeada e confusa, faz parte, é a chamada tortura psicológica. Nada de advogados nem de comunicações à imprensa, eles não precisam de saber nada, para nós ela está desaparecida.

Os inspectores pegam na prisioneira e levam-na para um canto. As luzes devem formar um rectângulo e gradualmente a luz diminuirá até à escuridão total. A cena seguinte começa com o isolamento ainda visível. O inspector e a inspectora passam a um casal de namorados. Ouve-se um grito.

ELE: Coitados destes gajos, dá-me arrepios passar por aqui.

ELA: Como assim, coitados? Não ouviste o presidente dizer que são terroristas? Ele até disse que uns bons safanões valem a pena para defender a vida de mulheres e crianças.

ELE: Como é que podemos ter tanta certeza disso?

ELA: Porque o presidente disse.

ELE: *(Pega no braço dela e afasta-se do sítio donde veio o grito.)* E se ele estiver errado? Ou pior, se ele não se preocupar minimamente com eles e estiver a prender e a torturar quem se opõe às suas ideias?

ELA: É possível que esteja, mas eu ainda acredito nele, é tudo o que nos resta.

ELE: Prefiro pensar que podem ser culpados ou não. Imagina que são inocentes, imagina que aquilo que se diz é verdade. Serias capaz de olhar para estes presos se afinal fossem inocentes? No outro dia vi uns vídeos sobre a última manifestação e curiosamente desapareceram da internet poucas horas depois. No vídeo apareciam polícias que se faziam passar por manifestantes e eles próprios lançavam o caos.

ELA: Desculpa, mas estás muito estranho. Que coisas é que se dizem por aí? Se te referes aos safanões não vejo assim nisso um grande mal. E isso é um disparate! Polícias a atirar pedras? Isso é completamente irreal.

ELE: Choques eléctricos, espancamentos, impedirem que durmas durante dias a fio, concordas com isso? Humilhações a adolescentes, intimidados e impedidos de falarem com familiares e advogados. Prenderam uns cem manifestantes. Nós vimos isso, lembra-te? Vimos a cidade a arder e o ódio no olhar da polícia. Lembro-me perfeitamente do medo que sentimos. Já não era a nossa cidade.

ELA: Estás muito bem informado. Como é que sabes essas coisas todas? *(Ela afasta-se dele com medo.)* Não és comunista, pois não?

ELE: Não, não sou, mas não consigo condenar quem se opõe ao teu presidente. *(Apaixonado.)* São os ideiais deles, percebes?

ELA: Se tu fosses um deles, não poderia continuar contigo, isso é perigoso e não é futuro para ninguém. Mais vale esta segurança que temos.

ELE: Eu sei que tens medo. Espero que um dia se possa saber a verdade, só quero isso. Vamos, eu levo-te a casa.

ELA: Jura que não és um terrorista, jura!

ELE: Juro, querida. Não mato pessoas inocentes.

ELA: Assim podemos continuar juntos.

ELE: E tu, és terrorista?

Silêncio de alguns segundos. Ela olha para ele, incerta e desconfiada. Ele fica impassível. Ela começa a rir e depois ele também.

ELA: Parvo! Cheguei a acreditar que estavas a falar a sério!

ELE: Sabes que gosto de brincar. Vamos, está a ficar tarde.

Eles caminham para o lado direito do palco. A meio despedem-se. Ele continua. O outro camarada está à espera dele.

1 (o que esperava) : Tás atrasado, pá!

2: Tive uns contratempos, desculpa.

1: Tudo bem, vamos lá combinar as próximas ações. Achas que foste seguido?

2: Não, fica tranquilo, tive cuidado.

1: Não podemos arriscar nada, sobretudo agora que as coisas estão a apertar.

2: Eu sei que estão, passei ali perto da prisão e os gritos não deixam de se ouvir. Fico com uma raiva só de saber que temos ali camaradas presos.

1: Por isso temos de ter toda a cautela, a liberdade está próxima. O Partido está a planear para que tudo aconteça em breve.

2: Estou farto deste impasse. Às vezes o ódio toma posse de mim e eu fico a olhar a cidade, as pessoas, como é que tudo segue normalmente quando temos ali dentro pessoas a lutar também pelas que estão cá fora? Como é que as pessoas se deixam distrair com as mentiras da televisão e com as promessas de uma vida burguesa? Estamos com a lama até ao pescoço e ninguém se rebela.

1: Camarada, é por isso mesmo que devemos manter a cabeça fria e agir inteligentemente. Eles não sabem, mas estão prestes a cair do poder. As nossas forças estão cada vez mais organizadas, o nosso poder de organização aumentou, a nossa rede informática é cada vez mais poderosa. Temos o apoio de pessoas que antigamente estavam do lado do governo. Tudo está a nosso favor e eles nem imaginam que estejamos tão organizados.

2: Eles controlam tudo na internet, sabem tudo sobre nós. O descuido é visível quando expomos tudo nas redes sociais. O problema é que eles sabem. Eles também têm o exército e essa polícia política que não nos dá descanso. Todos os dias acordo com vontade de mandá-los para o caralho! Temos de fazer cair o poder económico, é esse que financia o sistema e nos rouba todos os dias.

1: Tem cuidado com aquilo que me dizes, o partido pode perguntar como estás psicologicamente e eu não posso mentir. Quero-te forte e atento. Para além do mais as coisas estão a ferver em vários países, não é só o nosso, em breve assistiremos à derrocada de tudo isto.

2: Sabes que não cedo em situação alguma, penso é nas várias possibilidades. Vamos lá tratar do que é importante. Como é que estão as coisas?

1: Pelo sim pelo não ficarei a controlar-te, não me leves a mal, mas sabes como o Partido tem de ser rígido, transmitirei que estás determinado e sem medo de nada. Estamos quase a controlar a faculdade de direito, essa é importante para a mobilização. Temos lá alguns camaradas que estão a recrutar bons elementos, para além disso, a distribuição de propaganda funciona muito bem. Conseguimos que outros camaradas façam a distribuição, dará menos nas vistas, não são conhecidos.

2: Tenham cuidado, não confio muito na malta nova, podem ser polícias infiltrados. Para mais quando o que está em jogo é tão importante.

1: Vai com calma, é gente de confiança.

2: E depois da faculdade de direito, o que segue?

1: As outras estão controladas ou sob vigilância. Os trabalhadores estão connosco. Se tivéssemos algum apoio das forças armadas a história seria outra. Mas não desistimos, continuamos a enviar para os quartéis os nossos melhores camaradas. Não tarda, camarada, este país vai estar livre desses ditadores filhos da puta, garanto-te!

2: Sabes alguma coisa do Pedro? Ouvei dizer que foi apanhado. Espero que tenha mergulhado definitivamente na clandestinidade, este país já não é para ele, tornou-se demasiado incómodo, ele sabe muitas coisas. É controlado a toda a hora.

1: Estamos a tentar comunicar com ele. A célula dele não sabe se foi preso ou se conseguiu fugir. Os camaradas foram aos nossos esconderijos e ele não estava lá. Seja como for, ele não vai entregar ninguém.

2: Pois, sei que não, mas ele também me preocupa. As pessoas que conhecemos ou estão presas ou foram obrigadas a ir para a guerra do Ultramar. Esta merda é um inferno.

1: Sabemos dos riscos da nossa missão, é para libertar os presos e os militares que lutamos.

2: O que não invalida que não possa estar preocupado com um amigo que neste momento até pode estar morto.

1: Com alguém que aceitou as possíveis consequências.

2: Certo, tens toda a razão.

Barulho. Saem a correr. Ouvem-se tiros.

O prisioneiro é quem estava há pouco na reunião com o outro camarada que agora é o inspector.

2: Pensavas que nunca serias apanhado, não era? O teu dia chegou, finalmente. Não te preocupes, ter companhia dependerá de ti, basta dizeres uns nomes para que os outros comunas estejam aqui. Para ser sincero, até prefiro que demores a falar, assim eu e a minha colega divertimo-nos mais. Nós temos sempre de fazer as perguntas da praxe, só que estamos sozinhos e podemos passar essa parte. O que dizes?

O PRISIONEIRO: Sou comunista e mais não digo.

1: Isso já sabemos. Por mim avançamos, as perguntas são sempre iguais e não está aqui ninguém a controlar-nos, podemos fazer o que nos der na real gana. Hoje o jogo é todo nosso. O teu perfil falso é muito criativo e se calhar estás a pensar como chegámos até ti, não é?

O PRISIONEIRO: Na verdade não tenho muita curiosidade, sou virtual como disse.

1: Mas devias ter curiosidade. Para além do mais, se és virtual não existes. Se não existes, podes morrer a qualquer momento sem que isso saiba. Pensavas que a utilizar

a tua página em sítios públicos não serias apanhado, mas assim que abrias a página víamos logo onde estavas. Descobrimos quem eras ao fim de dois dias, depois foi só controlar-te e esperar que desses mais informações. Agora pouco importas para nós.

O PRISIONEIRO: Ótimo, vejo que o dinheiro público está a ser bem gasto, a ser investido em tecnologia. Ainda assim aconselho a que o gastem na educação e na saúde, na criação de emprego. Não eram algumas das promessas do presidente?

1: Isso são mitos do passado, os sistemas modernos não precisam de educação, precisam é de consumidores e nisso somos peritos a gerar.

O PRISIONEIRO: São peritos a criar esfomeados e um exército imenso de revoltados. Quem é que vai limpar todo o sangue no final?

1: Porque não pedes às porcas das tuas camaradas? Elas gostam do que é sujo, aliás, só uma delas é que podia querer ir para a cama contigo. Convosco é tudo uma depravação, não é? Confessa lá.

O PRISIONEIRO: Porca deve estar a vossa consciência.

1: O meu colega está ansioso por te por as mãos em cima.

O PRISIONEIRO: Não tenho medo, tudo o que faço é pelas pessoas, pela justiça. Se morrer será por tudo isso.

1: Eu dou-te já uma lição de justiça!

2: Espera, vai com calma, deixa-me ser eu a mostrar que temos sido bons alunos, deixa-me mostrar que somos organizados e científicos. É curioso, nós temos métodos científicos e fala-se por aí num comunismo científico. Vamos ver se na tua escola soviética te ensinaram o que é pancada científica. Parece-me que afinal de contas investimos de verdade na educação e na ciência.

O PRISIONEIRO: Apregoam tanto a pátria e os valores da nação, tudo pela nação, não é assim que diz o velho, esse vosso querido presidente?

1: Mais respeito, meu porco de merda!

O PRISIONEIRO: Porque é que tiveram de aprender com a Gestapo e a CIA? Não têm crueldade nacional suficiente para nos bater? Têm de aprender com os estrangeiros? Será que o povo sabe disso? Claro que não, vocês não deixam.

2: Isso são ideias que vêm do leste, não é, lá da tua querida União Soviética. Olha, vou-te mostrar a força de um português de gema para ver se soltas um nome ou dois.

1: Dá-lhe com força, verga o gajo!

2: Ele vai sofrer, estou-lhe com um ódio.

1: Quero experimentar os choques.

2: É isso, este gajo precisa de um estímulo.

O PRISIONEIRO: Despachem logo isso.

2: Não te esqueças de ir aumentando a intensidade aos poucos, senão o gajo apaga logo.

1: Estive atenta nas aulas, prende bem o gajo e dá-me espaço.

2: Já está.

Os inspectores ligam os fios de um aparelho eléctrico ao corpo do prisioneiro. Este não dirá mais nada, apenas alguns murmúrios. Os inspectores olham toda a cena com um encanto infantil.

2: O gajo é duro.

1: Vou dar cabo dele.

- 2: Não o frites em demasia, ouviste?
- 1: Deixa-me trabalhar, sei o que estou a fazer!
- 2: Como sabes, só pelas aulas? É a primeira vez que praticas.
- 1: E achas que os americanos iam ensinar isto mal?
- 2: Isso não me interessa, não quero é ter problemas.
- 1: Vou dar mais uma descarga forte e depois vemos como ele fica.
- 2: Não metas isso no máximo, o gajo pode mesmo morrer, estamos há muito tempo a dar-lhe choques. Imagina que o gajo morre? Vamos ter problemas.
- 1: Com quem? Achas que aqui dentro alguém se preocupa se algum deles morrer?
- 2: Não quero saber disso, eu também não quero saber se morre ou vive, não quero é ter de preencher relatórios por um descuido. Vá, desliga lá isso.
- 1: Mais um, ele tem de falar.
- 2: Ele não vai falar.
- 1: Tenho a certeza que sim.
- 2: Pára, não vês que está inconsciente?!
- 1: Está? Porra, não me apercebi, fico entusiasmada com esta merda.
- 2: Olha lá o que fazes, da próxima vez começa devagar, eles não fogem de nós.
- 1: Tens de experimentar, é um vício bom.
- 2: Vamos levar o gajo e depois vais-me pagar um café.

A inspectora aproxima-se do prisioneiro e dá-lhe um estalo na cara. O prisioneiro não reage, inconsciente.

- 1: Comuna de merda.

Levam o prisioneiro para um canto. Obscurece a cena e o canto fica na penumbra total. Vindos de direções opostas, vêm dois resistentes brasileiros. Vão estar presos um ao outro por uma corrente.

- 1 (**Estudante**): O problema é que vocês estão com medo!
- 2 (**PCB**): Que medo, nós procuramos fazer uma luta organizada, só isso.
- 1: Essa organização demora muito tempo, não é à toa que se chama Partidão! Vocês são muito lentos, têm de começar logo a agitar as massas.
- 2: Queremos uma revolução consequente e não alinhar numa brincadeira de adolescentes. Aquilo que os estudantes estão a fazer é brincar às revoluções. Devemos ao povo brasileiro uma revolução séria, só assim podemos mudar o cenário.
- 1: Brincadeira de adolescentes? Criámos oito aparelhos, temos armas e dinheiro recuperado dos bancos. Nós sabemos como fazer a revolução, temos as táticas para enfrentar a infantaria e a cavalaria, o Comando nos deu todas as regras.
- 2: O problema é que vocês não sabem lidar com regras!
- 1: Claro que não, são as regras burguesas que meteram lá esse ditador. Só com coragem e determinação podemos tirá-lo de lá.
- 2: Andam a ler muitos livros, são novos e impulsivos, têm de esperar a hora certa.
- 1: Não podemos esperar mais, vamos agir.
- 2: Na vossa revolução não entram os operários.
- 1: E na vossa, onde ficam os estudantes?

2: As revoluções não nascem da vontade espontânea, é preciso aguardar, temos de ter o povo do nosso lado.

1: Só o povinho reacionário está com os fascistas, todo o resto está conosco.

2: Como fazer a revolução sem armas?

1: Já temos as suficientes, e além do mais, estamos a desgastar o regime.

2: Esta é uma ditadura militar, armada e com todo o exército a apoiar o poder. Eles são protegidos pelas instituições estrangeiras que pagam para manter as marionetes delas.

1: Não temos medo.

2: E vão fazer o quê, mandar mais estudantes para serem mortos?

1: Isto é uma luta de todos, não mandamos ninguém para lado nenhum. Os estudantes têm a consciência política necessária para perceber como se deve fazer a resistência.

2: Devemos fazer mais passeatas pacíficas para atrair a opinião internacional, só assim teremos o apoio do exterior.

1: O exterior está-se cagando para nós, não percebe isso?

2: O mundo está-se cagando para as ditaduras.

1: O mundo todo viu as passeatas que incendiaram São Paulo e o Rio de Janeiro. Brasília a arder, foi isso que o mundo viu.

1: Vamos continuar o nosso caminho, não nos vamos amedrontar com ameaças. A vitória será nossa, temos a certeza!

2: A vitória será de todo o Brasil.

1: Só o povo armado derruba a ditadura.

2: Mas a vossa luta está cheia de estudantes, artistas, homossexuais e hippies, vocês não têm nem noções de política. A vossa preocupação é a liberdade sexual!

1: Só o povo armado derruba a ditadura.

Os dois saem. Entra uma jornalista.

1: É sobre isto que eu gosto de escrever, a guerra entre a esquerda, a esquerda aniquilando-se a si mesma. Não há maneira deles se entenderem e assim enchem as minhas folhas com as birras. Chamam-me jornalista da direita, engajado com a ditadura militar. Eu pergunto: há maneira de ser de esquerda e compactuar com essa perversidade, com as experiências de droga, com o desrespeito pelos pais, com o não respeitarem nenhuma regra? Prefiro ser de direita, sou um homem honrado, longe de mim ser canalha. Eu reago contra essa gente sem vergonha e por isso vou continuar a escrever milhares de páginas contra essas ideias. Esse é o meu dever para com o povo brasileiro, honrado e patriota. Há quem ache que eu escrevo para a polémica, não, escrevo para destruir esses estudantes que ao invés de estarem nas aulas, passam os dias a agredir os policiais, a destruir as cidades. Não conseguem ter uma ideia própria, lêem todos os mesmos livros, pensam todos da mesma maneira. Já nem sequer dizem eu, agora é sempre nós, falam por todos, de um momento para o outro deixaram de ser uma pessoa e passaram a assumir a responsabilidade pelo país inteiro. Os pais pagam para se formarem e os vagabundos ficam brincando de políticos. A culpa é dos líderes estudantis que são pagos pelos partidos comunistas para criarem agitação e caos. Outra história são essas passeatas malditas que arrastam pessoas inocentes, pessoas que vão caminhando para o trabalho ou para ir no médico e de repente vêm-se envolvidas nos confrontos. O nosso presidente devia criar logo outro Ato Institucional para colocar esses caras na ordem. Depois vêm

com esse papo de ditadura e torturas, que bobagem, foi-me dito pelo próprio presidente que não existe tortura no Brasil. Pura invenção da esquerda. Uma coisa eu tenho de reconhecer, a esquerda é criativa. É verdade, conseguem inventar o cenário mais escabroso e sangrento. Todo mundo ouviu falar da passeata dos cem mil, era impossível não ter visto. Aquilo que eu não vi foram os trabalhadores, as pessoas honestas que trabalham todos os dias e constroem o país, os humildes que sem grandes ambições fazem desta nação aquilo que ela é. Mais uma vez só vi estudantes e intelectuais com cabelo crescido, que embriagados pelo Maio de 68, pretendem trazer para aqui aquilo que os estudantes franceses fizeram com a filosofia e com a sociologia. Basta de dar tempo a esses estudantes e comunistas que apregoam as mentiras, basta de gastar dinheiro público com as faculdades, servem apenas para abrigar terroristas insuportáveis. Sim, vou continuar o meu ataque ao comunismo, à esquerda estudantil sem maneiras e sem ideias próprias. Até lá serei irredutivelmente reacionário. Até lá serei o jornalista do regime que me paga.

A luz sobre o cronista vai diminuindo até ficar muito fraca. Sai e entra o ditador sentado numa poltrona puxado por um funcionário.

DITADOR: Hoje não quero ser interrompido, quero o resto da noite só para mim, fico lixado que me perturbem a cada minuto. Estou cansado que a minha voz seja para todos, hoje quero-a só para mim e para a televisão. No que resta desta noite a minha voz só fará *Bang, bang e bang!* A televisão afasta-me dos assuntos de estado. Só que para isso preciso de silêncio (*Olha para a zona onde aconteceu o interrogatório.*). Sobretudo gosto de ouvir os tiros, o discurso dos bons e a prisão dos maus. Ou a morte deles, eles têm de pagar pelos crimes. Cuidado, atrás de ti, ele está atrás de ti, mata-o agora! Pois, empolgo-me e depois falo com a televisão, que disparete. Talvez aqui esteja a minha inspiração para governar o país, gosto dos bons, são espirituosos e conseguem apanhar sempre os bandidos. Como eu, gosto sempre de apanhar um bandido e castigá-lo pelos crimes contra a nação. É meu dever proteger os cidadãos, por isso a televisão tem de ser manipulada, como deixar passar algumas coisas que dão na televisão? Na minha televisão só vejo o que é moralmente correcto, antes os funcionários do estado eliminaram aquilo que é pernicioso. É preciso manipular para educar o povo, impedir que Zeca Afonso e Caetano Veloso sejam proibidos de cantar. (*Pausa.*) Não, eu não sou herói, sou um homem simples que preza os bons costumes. A televisão relaxa-me (*toma comprimidos*) e eu esqueço aqueles que atormentam o país. E preciso também do país nas minhas mãos. Só eu, só eu posso tomar as decisões, por isso deixem-me um pouco sozinho, só um filme e vou já assinar documentos, endurecer as leis, não se preocupem que eu não vos abandono, os índios estão quase a ser dizimados. Bang, bang! Não tarda seremos só nós orgulhosamente sós e o país viverá finalmente em paz. Quer dizer, alguém virá com certeza depois atormentar a ordem pública, será sempre assim, mas caberá a mim tratar deles. A mim e aos meus exemplares funcionários. Homens de família, dedicados ao trabalho em prol da nação acusados de brutalidade. Interrogatórios sim, torturas nunca, jamais permitirei que isso aconteça no meu país. Bang! Bang! Bang! Já está, o último tiro foi meu, os índios não existem mais. Vou falar com o António Ferro, quero entrar num filme de cowboys, está decidido. Preciso dum espelho, eu sei que tenho perfil para ser cowboy. Bang! Vou já, estou a terminar de ler o relatório da

polícia e saio já. Estou cansado destas reuniões, mais uma e depois outra, tantas reuniões demoradas. Sem dúvida que posso ser o herói. (*Coloca-se em pose de cowboy e simula disparos, evita as flechas dos índios.*) É de ti que eles precisam, não te podes esquecer disso, é a tua fotografia que está nos ministérios, nos hospitais, nas escolas. (*Grita para um lado.*) Podemos adiar a reunião por duas horas? (*Pausa.*) Não? Ah, se é por isso tudo bem, não sabia que o Cardeal viria hoje. Nesse caso saio em três minutos. É preciso não falar para não dar a ideia de que não estou a controlar tudo o que se passa, por isso sou um presidente silencioso. A vida está dura até para um presidente, como sobreviver com o meu salário de miséria? Não me quero chatear, preciso de garantir a minha velhice. Vou sair agora. Ainda via mais um filme.

A torturada entra no final da cena do ditador. O ditador sai puxado pelo funcionário. Depois entram dois inspectores.

1: Na verdade só às vezes.

2: Só às vezes o quê?

1: Como assim, o quê?

2: Estás a falar de quê?

1: Como assim, foste tu que fizeste a pergunta e agora não te lembras? Vai gozar com outro, pá!

2: Não me lembro de ter feito qualquer pergunta.

1: Não? Tudo bem, esquece então.

2: Espera, não sejas assim, esqueci-me, só isso. Diz lá o que foi?

1: Antes de entrarmos aqui não estávamos a conversar e tu perguntaste-me o que eu fazia?

2: Sim, estou mais ou menos lembrado.

1: Então, é isso, só às vezes.

2: Só às vezes o quê?

1: Cum caralho, estás mesmo a gozar!

2: Não estou, juro, acredita em mim.

1: Perguntaste-me o que eu fazia se, percebes, se (*Aponta para a prisioneira.*).

2: Ah, agora percebi. (*Pausa.*) Só às vezes? Porquê?

1: Sei lá, canso-me, não aguento sempre.

2: Pois, eu também não, a partir de uma certa hora é insuportável.

1: Sobretudo à noite, é a pior altura.

2: Sabes que eu sinto o mesmo. Se bem que já esperava isso, tinham-me dito na instrução.

1: Pois, a mim também, mas ainda assim pensava que aguentaria mais. (*Pausa.*) Como é que está a tua mulher? Ainda está doente?

2: Melhorou um bocado, a mãe dela está lá em casa a tratar dela.

1: Estas luzes dão cabo de mim.

2: Já falámos disso, ninguém vai mudar as luzes.

1: Graças a estas lâmpadas chego sempre a casa com dores de cabeça, qualquer dia fico doente a sério e depois quero ver como é. É que eles não sabem o que é estar aqui três, quatro, cinco horas a levar com isto, não sabem.

2: Sabes tão bem quanto eu qual é a função delas, não são para nós, são para eles.

1: Estou farto desta merda.

2: Tens de aguentar, foste tu que escolheste este trabalho, tens de ter estofo para ficar até ao fim. Ninguém desiste. Vê o exemplo daquela ali.

1: Não sei, ando cá a pensar, um dia não sei.

2: É melhor não dizeres mais nada, eu não quero ouvir mais nada. Vamos trabalhar.

1: Hoje estou sem vontade, nunca sentiste isso?

2: Vamos trabalhar, o resto é conversa.

1: Ok, se agora não podemos conversar, vamos trabalhar.

3: Querem que diga o quê? Não aguento mais, é demais para mim.

1: Diz o que sabes, isso basta para nós.

3: Eu não sei nada, juro por Deus.

2: Estás a mentir, só pode, não te prendíamos se não soubesses nada.

3: Eu juro, a sério, não sei nada. Sou estudante, não ando envolvido em política.

2: Mas não é verdade que nas faculdades andam grupos comunistas a querer destruir a nação?

3: É possível, deve ser possível que grupos desses existam. Eu nunca ouvi nenhuma conversa porque não me quero envolver com nada.

2: Tens medo?

3: Claro que tenho! Não quero estar aqui, deixem-me ir embora, não aguento mais tempo sem dormir. Estou cansado, as paredes movem-se.

2: Ouve, também temos sono e queremos ir dormir. Colabora connosco e vais para casa descansado.

1: O meu colega tem razão, a tua colaboração resolve a vida de todos.

3: As minhas pernas fraquejam cada vez mais.

1: Vá lá, fala e eu deixo que vás dormir.

3: Juro que não aguento mais, acho que vou desmaiar.

2: Não vais nada, és forte. Um esforço mais, falas do que sabes, depois és livre. Fazemos assim: se falares até te levo a casa. O que achas?

3: Estão-me a arder os olhos, podem apagar a luz?

1: A luz está ótima.

3: Não está, não consigo manter os olhos abertos. Fechem as janelas, os insectos não param de entrar.

2: Está a ver coisas, só pode.

3: Não estou, não vêem? Estão nas paredes, no chão, em vocês. Sobem por todo o meu corpo. Vejo pelos, pelos por todo o lado. O meu corpo é feito de pelos. Socorro! Estou a transformar-me num animal!

Sacode o corpo com os braços.

1: Estás sem dormir há seis dias e já vêes isso tudo?

2: Temos de apertar com ela, sabe muita coisa, sabe nomes de estudantes comunistas, sabe quem organizou a última manifestação. Sabe quem é que criou a página que anda a denunciar o governo. Esta gaja sabe demais, não podemos ser brandos com ela.

3: Estou com medo deste sítio, tirem-me daqui, por favor. Preciso de água, dêem-me água, quero escrever o meu nome com água. Quero água!

1: Fala e saís num instante. Tens de acreditar em nós, estamos aqui para te ajudar. Achas que somos os maus da fita? Isso é coisa de filmes.

- 3: Se soubesse de alguma coisa falava, só para poder sair desta prisão.
2: Tu não estás na prisão, isso é invenção da tua cabeça.
3: Não?
2: Claro que não, estás num sítio seguro para ti.
3: Onde estou?
2: Estás no hospital. Tiveste um esgotamento e nós somos os teus médicos.
3: Vocês não se parecem com médicos.
1: Somos. Como é um médico?
3: Não sei, alguém com roupa branca, cheiro a remédios, estetoscópio, sei lá.
2: Somos diferentes, mas somos médicos. Mas diz-nos, por que razão estarias na prisão?
3: Acho que descobriram que ando a distribuir propaganda nas faculdades e a agitar os estudantes para a revolução.
2: Quem é que descobriu isso?
3: A polícia.
2: E achas que eles iam prender um inocente como tu?
3: Acho que sim.
2: Então quer dizer que eles são maus, é isso?
3: Acho que alguns são, sim.
2: Mas isso é muito grave, não é?
3: Posso voltar ao meu quarto, doutor? Estou muito cansado, preciso dormir e ficar bom, os meus pais devem estar preocupados.
2: Vais dormir agora, não te preocupes, nós somos os bons, lembras-te?
3: Sim, os médicos não fazem mal.
1: A gaja não vai falar, está a alucinar.
2: Estratégia. Eles sabem muito bem como reagir aqui dentro. Vamos esperar mais um tempo, se não falar damos uns safanões para ele acordar.
1: Não vês como ela está?! Não vai falar. Bate com a moeda na mesa.

Bate com a moeda na mesa – o som será amplificado. O prisioneiro vai reagir com gritos e acaba por se deixar cair no chão, em choro profundo. Os torturadores lançam-se sobre o prisioneiro para o espancar. As luzes diminuem totalmente. Quando sobem o ditador entra para o centro.

- 3: Não me batam mais, eu falo, eu falo, eu falo...
1: Estava a ver que não, finalmente vais poder dormir em paz. Fala, então!
3: O líder da minha faculdade é o...

Entra um som estridente que colará com interferência para a entrada do comunicado do AI-5.

“13 DE DEZEMBRO DE 1968, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, declara:

CONSIDERANDO que o Governo da República não pode permitir que pessoas ou grupos anti-revolucionários contra ela trabalhem, tramem ou ajam, considerando que atos nitidamente subversivos, oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais, estão servindo de meios para combatê-la e destruí-la. Considerando que, assim, se torna

imperiosa a adoção de medidas que impeçam sejam frustrados os ideais superiores da Revolução;

Resolve editar o seguinte ATO INSTITUCIONAL:

cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;

suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;

proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

liberdade vigiada;

proibição de freqüentar determinados lugares;

domicílio determinado;

poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

O ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados;

Ficam suspensas as garantias constitucionais ou legais;

Fica suspensa a garantia de *habeas corpus*, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular;

Brasília, 13 de dezembro de 1968; 147º da Independência e 80º da República.

A. COSTA E SILVA

Os três inspectores voltam e montam o pau de arara e prendem a prisioneira. Colocam em cima de uma mesa o instrumento para dar choques eléctricos. A tortura vai começar.

1: Faltaste às aulas?

2: Sim, não tinhas uma aula de biologia?

1: Aliás, pelo teu registo andas a faltar há mais de um mês. Por onde tens andado?

3: Deixem-me sair daqui, estive doente. Não acredito que esta prisão tenha a ver com a minha faculdade!

1: A tua prisão tem a ver com o que andaste a fazer, só isso.

3: Já disse que estive doente.

2: Cala-te, filha de uma puta. Agora somos parvos, é? Sabemos tudo o que fizeste no último mês, sabemos muito bem o que fizeste.

3: Acreditem em mim, estive em casa doente, não fui às aulas por ordens do médico.

2: O Guedes agora é médico?

3: Quem?

A prisioneira é pontapeada nas costas.

1: A próxima será ainda mais dolorosa, acredita nisso.

3: Por favor, deixem-me ir embora, não fiz nada nem sei de nada. Falaram de um Marighella, não o conheço, só dos jornais, têm de acreditar em mim. Sou uma estudante de medicina, não tenho nada a ver com isso.

2: Nós achamos que deves ser estudante de política e pelos vistos já andas a fazer o estágio.

1: Como é que uma rapariga nova como tu anda com esses comunistas?

2: Filha de quem é só pode acabar assim. Já tratámos do teu pai, veio passar aqui umas férias connosco.

3: O meu pai? Por favor, não lhe façam mal. Tirem-me daqui, deixem-me falar com ele. Tirem-me daqui, isto magoa, é cruel.

2: Cruel é raptar um homem de bem, cruel é fazer prisioneiro um homem que tem um trabalho honesto. Vocês são uns merdas que raptaram um homem estrangeiro, que falta de hospitalidade, minha merdas.

3: Por favor, tirem-me daqui, não aguento a dor nos pulsos.

2: Vais aguentar, sei que vais.

1: Na verdade, as regras são estas: o nosso procedimento obriga-nos a interrogar o prisioneiro e se for preciso recorrer a alguma tortura para fazê-lo falar. Agora vai ser diferente, não precisamos de ti para nada, não queremos que digas nada, não tens nada para dizer. O embaixador já regressou ao seu país, o Guedes está morto e tu vais fazer-lhe companhia. É assim que vai ser: vamos cortar os teus dedos e sem impressões digitais que te identifiquem, o teu corpo será jogado num buraco imundo.

A prisioneira debate-se ferozmente, mas está demasiado presa para se libertar.

3: Esperem, eu posso falar, eu sei de coisas, coisas importantes.

2: Calada, não tens mais nada para dizer.

1: É tempo de conheceres o nosso inferno.

3: Por favor, deixem-me ir embora, juro que nunca mais me envolvo em política. Confesso, é verdade, raptei o embaixador. Fui obrigada.

2: *(Para 1.)* Liga primeiro às orelhas.

3: Esperem, a sério, estou arrependida. Querem nomes? Eu sei o nome de todos!

1: Como esta é especial, vou ligar logo nas duas orelhas.

3: Os nomes não são suficientes? Também sei os esconderijos. É bom, não é?

2: Começa logo numa carga média, não me apetece perder tempo.

1: Eu também não, hoje quero ver a seleção.

2: É isso mesmo!

3: Quem participou foi Fer...

A partir daqui os choques são intermináveis. Passam das orelhas para as mãos, para os pés, para a língua, para o pescoço. A prisioneira grita, até ao momento em que já nem debater-se consegue. Desmaia, é acordada com estalos.

2: Não queremos nomes, já os temos todos. Vão ser todos despachados.

1: Tu és a primeira da lista.

2: Um por dia.

1: Será uma honra dar cabo da vossa vida.

2: Muda agora, prende nos dedos.

1: Já está. Dá à manivela!

2: É bom cumprir o dever.

1: Servir o país.

2: Livrá-lo destes comunistas de merda.

1: Deixa-me dar uns choques, agora é a minha vez. Coloca os ganchos no pescoço,

quero vê-la a assar.

2: Que pivete. É mesmo verdade que os comunistas são feitos de merda.

1: Essa merecia uma promoção.

2: Não pares de dar à manivela, temos de despachar esta puta antes do jogo!

1: Então passa aí para a língua e aumenta o nível de descarga.

2: Vai, com toda a tua força!

Enquanto um dá à manivela, o outro assiste embevecido. As luzes baixam para azul e há um branco em torno da prisioneira. As luzes falham e voltam ao registo inicial. Neste momento apercebem-se que a prisioneira desmaiou, espuma da boca.

2: Acho que já está, parece-me que morreu.

1: Deixa-a ficar aí, vamos ver a partidinha! Alguém depois trata dessa puta.

2: Deve estar a ferver.

Toca o telefone.

1: Sim? O quê? Não brinques comigo, pá, quero ver o jogo! Mas por que razão ele está cá? Denúncia? De quem? Advogados do caralho que ainda defendem os terroristas. Diz que estamos a meio de um interrogatório, pede para ele esperar meia hora, preciso de saber se a gaja está viva. O quê? Sei lá, não aguentou, acho que matámos a gaja. Chama o médico, rápido!

2: O que foi?

1: Ministério Público.

2: Estamos fódidos, vão-nos comer o cu!

1: O advogado da comunista apresentou queixa. Parece que o Ministério Público quer sossegar a opinião pública. Não te preocupes, o Ministério Público é controlado por nós, mas ficamos com má imagem e atrasamo-nos para o jogo.

Entra o médico de bata branca e estetoscópio. Entra com enfado, é visível que aquilo é a rotina.

O MÉDICO: Um gajo a querer estar no estádio e é obrigado a estar aqui.

1: Tem paciência, também queremos ver o jogo.

2: Se acabar a tempo, podemos ir juntos.

O MÉDICO: O que é que se passou?

1: O habitual.

O MÉDICO: Meto no relatório “Ataque cardíaco”.

2: Foi precisamente isso que aconteceu.

O médico pega no estetoscópio e ausculta a prisioneira. Executa tudo com frieza. Até que se apercebe que está viva.

O MÉDICO: Ela não morreu, perdeu só a consciência.

1: Vamos, acorda-a, rápido. Assim evitamos a chatice de explicar ao Ministério Público o que se passou. Não deites fora o teu relatório, muda só a data.

O MÉDICO: A data?

1: Sim, daqui a dois dias ela vai morrer de ataque cardíaco.

O MÉDICO: Percebi. Bom jogo, pessoal! Até amanhã.

1. e 2. tiram a prisioneira do pau de arara à pressa. Vestem-na com um figurino branco, alvo. Na cabeça colocam-lhe uma máscara. Depois sentam-na à frente. A música de toda esta cena será aguda.

1: Manda entrar o Ministério Público.

Os inspectores saem a falar da seleção. Em cena fica só a prisioneira. Um minuto depois entra o Ministério Público.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Vou ser muito rápido e sucinto. A minha visita tem a ver com uma denúncia feita pelo seu advogado, falou-me em tortura, prisão sem fundamento. Venho só para cumprir o meu dever e pelo que vejo, a senhora está a ser muito bem tratada.

A PRISIONEIRA: Muito bem tratada?

MINISTÉRIO PÚBLICO: Sim, não se vê logo? A senhora está com muito bom aspecto, bonita e arrumada.

A PRISIONEIRA: Acabei de ser torturada. 25

MINISTÉRIO PÚBLICO: Pois, essa é a propaganda mentirosa da esquerda, fala em torturas como se isso fosse possível no nosso país. Nós defendemos até ao fim a liberdade. Essa é a nossa bandeira. O Salazar é um homem duro, admito, mas ditadura e fascismo era na Itália, aqui não.

A PRISIONEIRA: Tire-me a máscara e verá toda a propaganda. Acha que sangue verdadeiro e carne arrancada também são propaganda?

MINISTÉRIO PÚBLICO: Haviam-me preparado para a vossa subversão. A senhora não se iluda, eu sou um homem com estudos, sério, não me deixo enganar com facilidade.

A PRISIONEIRA: Fui ameaçada de morte.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Pois, isso é uma chatice. *(Pausa)* Estas instalações são bestiais, confortáveis, espaçosas. Não fosse uma prisão e eu diria que é um hotel de luxo.

A PRISIONEIRA: Não precisamos de luxo para morrer.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Até porque vocês são contra o luxo, todos pobres. É isso que vocês dizem, não é?

A PRISIONEIRA: Fui ameaçada de morte ainda há agora.

MINISTÉRIO PÚBLICO: A caminho desta sala passei pela cozinha, ou melhor, pela super-cozinha e fiquei com inveja, juro que fiquei. Tudo limpo, organizado, cheia de comida, frigorífico espaçoso. Na verdade, é melhor que o meu. Juro que fiquei com inveja. Diga-me, faz sentido o que estou a dizer?

A PRISIONEIRA: O senhor é do Ministério Público, tudo o que diz é verdade e faz sentido.

MINISTÉRIO PÚBLICO: E o mais fantástico é que a opinião pública acredita em mim. Isto porque digo sempre a verdade.

A PRISIONEIRA: A opinião pública é completamente manipulada pelas vossas mentiras.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Perdão?

A PRISIONEIRA: Disse que a visita do senhor me conforta o espírito. Agora estou mais aliviada, sem dúvida.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Compreendo isso, minha filha, por isso fiz questão em vir aqui. Com ou sem queixa do seu advogado eu viria aqui. É meu costume vigiar e punir quem prevarica a lei e por estranho que pareça, há polícias que o fazem. E acredite, esses são sempre castigados. Naturalmente que o seu advogado será julgado por obstáculo à justiça, mas é para vosso bem, queremos que sejam defendidos por pessoas sérias.

A PRISIONEIRA: Não somos bandidos.

MINISTÉRIO PÚBLICO: A senhora permitir-me-á, mas terei de discordar, rapto de embaixador é crime, ainda por cima num país civilizado como o nosso.

A PRISIONEIRA: Não o fizemos por nós, foi um acto patriótico.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Vocês não têm pátria.

A PRISIONEIRA: O senhor está certo.

MINISTÉRIO PÚBLICO: É uma pena uma pessoa como a senhora estar aqui, mas não tarda estará livre, a nossa justiça não é aleatória.

A PRISIONEIRA: Fui ameaçada de morte.

MINISTÉRIO PÚBLICO: E a sala de convívio? Um luxo nos nossos dias. Televisão último dia! Aquilo é que é uma sala de convívio. Um dia destes virei aqui jogar convosco às cartas. Claro, se quiserem que eu venha. Sabe, sou um homem muito ocupado a tratar de assuntos burocráticos, a limpar o lixo que vocês fazem.

A PRISIONEIRA: A visita do senhor faz-me muito bem, é bom falar livremente, é humano falar sem que nos batam.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Ainda quero ver o resto das instalações.

A PRISIONEIRA: Visite a sala de onde acabei de sair, terá uma perspectiva diferente do tecto.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Infelizmente não terei tempo para ver essa tal sala, quem sabe numa próxima visita. Já vi que está tudo bem, o povo gostará de saber a verdade. Todos sairão a ganhar nesta história: os polícias ficam com a honra limpa, você continuará com o corpo intacto. Não se passa aqui nada de extraordinário. Podem recolher a senhora!

A PRISIONEIRA: Fui ameaçada de morte e sei que vou morrer nas próximas horas.

MINISTÉRIO PÚBLICO: Nesse caso, deixe-me dizer-lhe adeus.

Entram dois inspectores que levam a prisioneira para fora de cena. Neste processo a máscara passa para o Ministério Público que olhará a prisioneira a ser arrastada pelo palco até ao fundo. Fará gestos de quem nada está a ver, até sair sem voltar a olhar para trás. A luz muda de cor e entra uma música pesada, rotativa, ritualística. Duas pessoas vêm montar o pau de arara. Saem novamente. Depois entra a prisioneira e os três inspectores atrás, com roupa que vagamente lembrará algo da Inquisição. Começa a tortura.

1: Desafiaste-nos. Sabes que nós somos o poder.

2: Um poder antigo que não gosta de ser desafiado.

1: Claro que para mantermos o poder e o nosso papel temos de nos defender, é isso que vamos fazer aqui e agora.

4: O Ministério Público esteve aqui.

3: O Ministério Público é controlado por nós, ninguém se mete no nosso caminho. Vê isto como um equilíbrio de forças, não como uma derrota. O leão come a gazela e a gazela não se imagina como a derrotada, é o equilíbrio possível para manter a natureza.

2: E nesta natureza nós somos claramente o leão.

1: Tu és a gazela.

4: Não aguento mais isto.

2: Provavelmente os teus pais avisaram-te, pediram para que não te metesses na política, mas os comunas são obstinados, julgam-se mais inteligentes que nós.

4: Deixem-me ir à casa de banho.

1: Para quê? Para limpares esse vermelho que escorre pernas abaixo? Deixa estar, tu sostas do vermelho.

2: Hoje é um dia especial para nós, a tua célula foi extinta, o embaixador está seguro no seu país, tu vais acabar aqui, irreconhecível para a tua família. Mas há uma coisa que nos desagrada profundamente, não gostamos que os embaixadores de outros países sejam obrigados a regressar a casa por vossa causa. Isso eu não posso tolerar.

3: Mas é um dia especial!

2: Sem dúvida.

1: Hoje é o dia da tua coroação.

4: Não quero ser rainha.

3: Acreditas em Deus?

2: Acreditas nalguma coisa para além da tua bandeira?

3: Acreditas nalguma coisa que não seja o vosso terrorismo?

1: Acreditas que nós somos os maus?

4: Não sou terrorista, não matei ninguém inocente. Não quero morrer, é injusto.

2: Agora já nada importa para ti, por isso podes ouvir todos os nossos segredos que nada vai mudar. Não somos monstros, somos pessoas como tu, temos família, amamos, odiamos, comemos, fodemos. Por exemplo, a nossa colega tem três filhos e só não tem mais porque não quer faltar ao trabalho, adora o que faz. Eu adoro futebol e visitar os meus pais ao fim-de-semana. Aquele ali coleciona selos com o neto e tem dois cães. Como vês somos como tu.

3: A questão é como a do leão e da gazela, alguém tem de ser o leão, percebes? Não gostamos de perder. Sou uma mulher muito competitiva para vestir a pele de gazela. Hoje vou estrear uma coisa nova.

1: Isso se fores tu a estrear o mecanismo.

3: Como assim?

1: Não estou certo que sejas tu, existem regras, não é só porque te apetece.

3: Eu sei que vou ser eu, foi-me prometido.

1: Nesse caso, deixa-me fazer um telefonema para esclarecer que vai executar a tarefa.

2: Não tenho a certeza, mas acho que é ela.

1: Como sabes?

2: Está na folha de serviço, mas confirma para evitar chatices.

1. pega numa pasta e lê a folha de serviço. Desalentado passa a pasta para os colegas.

2: Eu tinha quase a certeza.

3: (*Leva a pasta até à prisioneira e mostra-lhe a folha.*) Vês, aqui está o teu nome e

aqui o meu. Claro que amanhã será outro teu camarada a estar aí e às tantas isto banaliza-se, mas tu serás sempre a primeira. Claro que para ti não haverá repetição, não terás direito à segunda vez, mas de certa forma, e vê como isto é irónico, serás tu a ajudar-me a desenvolver a técnica. Quando amanhã estiver aí um comuna será também com a tua lição que ele morrerá. Não é bonito?

4: Não ajudarei a que nenhum camarada seja morto.

1: Eu fiquei com algumas dúvidas em relação a isso. Não vem aí na pasta alguma instrução, sei lá, como se deve usar?

3: Não vou precisar disso. Vão lá buscar que eu fico aqui com ela.

1. e 2. Saem para voltarem pouco depois com uma coroa.

3: Estou aqui por opção e tu porque foste presa. Não te esqueças, eu sou o leão.

Os colegas voltam com a coroa na mão. A prisioneira olhará toda a cena final com horror, gritará, contorcer-se-á até ao último movimento, o da sua morte.

2: Para a finalidade que tem isto até é leve, pensei que fosse muito mais pesado.

1: Isto não mata pelo peso.

2: Eu sei. A questão é se isto será resistente para lhe esmagar o crânio.

1: Não te preocupes, eles não inventariam uma coisa destas que não funcionasse

3: Passem para cá, deixem-me ver. *(Pega na coroa e começa a ver os pormenores, a medir o peso, a resistência. Fica emocionada.)*

2. Olha o relógio.

A coroa é colocada na cabeça da prisioneira. Os dois inspectores colocam-se de lado, observando atentamente. A inspectora começa a rodar o mecanismo. Roda durante dois ou três minutos. Os gritos da torturada são lancinantes. De vez em quando os inspectores viram a cara para o lado quando se debruçam para ver o resultado. A inspectora nunca vacila.

3: Já não deve demorar muito, estou a apertar há uns quê, quinze minutos?

2: *(Olha o relógio)* Passaram precisamente vinte e três minutos.

3: Já? Esta é rija, não quer morrer.

1: Olha que eu acho que já morreu, não a vejo mexer-se há algum tempo.

3: De certeza que desmaiou.

2: Pelo aspecto dela não tenho dúvidas de que morreu.

1: Bom, vamos limpar isto tudo.

2. continua a observar a prisioneira morta.

2: Acho que não podemos entregar assim o corpo à família, vão cair atenções em cima de nós.

3: Vai de caixão fechado, ninguém vê.

1: Isso não, não podemos arriscar. Imagina que alguém abre a porcaria do caixão? Temos de arranjar outra solução.

3: Vamos jogar o corpo no mar alto.

2: Bom, é uma opção, temos a experiência.

1: Tenho uma ideia que resulta melhor, a clássica: morte súbita. A gaja não tem marcas de bala, por isso morreu de morte súbita. Esta madrugada largamos o corpo num passeio e amanhã estará nos jornais como morte súbita. “Estudante aparece morta em passeio público vítima de morte súbita.”

1: Tirem-na daí, deixem-na no chão.

Executam. O corpo cai no chão com algum estrondo.

3: Vamos até ao bar? Deu-me uma vontade súbita de beber uma geladinha.

2: Eu pago, afinal hoje chegámos à final. Vamos ao estádio erguer a taça?

1: Não perco isso por nada.

Vão na direção da saída. Nenhum olha para trás, conversam como grandes amigos.

1: Vocês aí, venham limpar isto. Já sabem, morreu de morte súbita.

2: Morte súbita.

3: É isso, morte súbita

FIM

Blackout gradual. A música cresce e continua no Blackout, até terminar subitamente.

ÚLTIMOS TEXTOS EDITADOS POLA R.G.T.

- Cándido Pazó:** *Dúas mamás* (nº 57)
Xosé Manuel Pazos Varela: *Ida e volta* (nº 58)
Sonia Torre: *Memoria* (nº 58)
Carles Batlle: *Esquecer Barcelona*. Tradución: Afonso Becerra (nº 59)
Santiago Cortegoso: *Hámster* (nº 60)
Suzanne Lebeau: *O ogrocho*. Tradución: Henrique Harguindey (nº 61)
Gustavo Pernas Cora: *Colgados* (nº62)
Josep María Miró: *A muller que perdía todos os avións*.
Tradución: Afonso Becerra (nº63)
Luis Araújo: *Por que as acacias non han dar xarope?* (nº64)
Abel Neves: *Nunca estive en Bagdad* (nº65)
Teté García, Marta Pérez, Rosa Puga, Vanesa Sotelo: *Expostas* (nº66)
Lluïsa Cunillé: *O tempo*. Tradución: Afonso Becerra de Becerreá (nº67)
Eduardo Alonso: *Piratas* (nº68)
Jose Maria Vieira Mendes: *Padam Padam* (nº69)
Joan Giralt Bailach: *Fóra feira* (nº70)
Josep Maria Miró i Coromina: *O principio de Arquímedes* (nº71). Tradución:
Afonso Becerra de Becerreá
María Xosé Queizán: *Ritos de sangue* (nº 72)
Marta Freitas: *Imundação* (nº73)
Fernando Epelde: *Caixa negra* (nº74)
Raúl Dans: *Unha corrente salvaxe* (nº75)
VV.AA: *Micropezas* (nº76)
Susana Hornos e Zaida Rico: *Bagos de uva no padal* (nº77)
Tradución: Xosé Manuel Pazos Varela.

Consulta os textos publicados pola RGT na web:
www.revistagalegateatro.com